

**LETRAMENTO DE GÊNERO NA
CULTURA ALGORÍTMICA:
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL,
REPRESENTAÇÃO RACIAL E A
ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

**GENDER LITERACY IN ALGORITHMIC
CULTURE: ARTIFICIAL INTELLIGENCE,
RACIAL REPRESENTATION, AND
CONCEIÇÃO EVARISTO'S ESCRIVIVÊNCIA**

**LUCIANA FERREIRA TAVARES,
TAVARES.LUCIANA50@GMAIL.COM;
ANA PAULA LEGEY,
ASIQUEIRA@UNICARIOCA.EDU.BR;
SHEILA DA SILVA FERREIRA ARANTES,
SHEILA@CSABER.COM.BR.**

Resumo: Este artigo analisa de que maneira o letramento de gênero pode contribuir para uma leitura crítica das representações produzidas por sistemas de inteligência artificial, especialmente quando atravessadas pelas relações de gênero e raça. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e interpretativa, articulando pesquisa bibliográfica e análise crítica de produções textuais geradas por sistemas de inteligência artificial. A discussão fundamenta-se em estudos sobre letramento, multiletramentos, gênero, relações de poder, raça, interseccionalidade, inteligência artificial e análise discursiva. A análise considera representações relacionadas a profissões, liderança, educação, conhecimento, cuidado e aparência, observando papéis sociais, características e posições atribuídas aos sujeitos. A perspectiva interseccional permite compreender como gênero e raça participam conjuntamente da construção dessas representações, enquanto a obra de Conceição Evaristo, especialmente *Olhos d'água*, é mobilizada como eixo interpretativo a partir da noção de *escrevivência*. A discussão evidencia que a fluência e a coerência das produções algorítmicas não garantem representações plurais ou livres de estereótipos. Conclui-se que o letramento de gênero, articulado à perspectiva interseccional e à *escrevivência*, pode contribuir para formar sujeitos capazes de reconhecer, questionar e problematizar padrões de representação reproduzidos na cultura algorítmica.

Palavras-chave: Multiletramentos. Interseccionalidade. Cultura digital. Formação crítica. Representação social.

Abstract: This article analyzes how gender literacy can contribute to a critical reading of representations produced by artificial intelligence systems, particularly when shaped by gender and racial relations. The research adopts a qualitative, exploratory, and interpretive approach, combining bibliographic research with a critical analysis of textual productions generated by artificial intelligence systems. The discussion is grounded in studies on literacy, multiliteracies, gender, power relations, race, intersectionality, artificial intelligence, and discourse analysis. The analysis considers representations related to professions, leadership, education, knowledge, care, and appearance, examining the social roles, characteristics, and positions attributed to subjects. An intersectional perspective is employed to understand how gender and race jointly participate in the construction of these representations, while Conceição Evaristo's work, particularly *Olhos d'água*, is mobilized as an interpretive axis through the notion of *escrevivência*. The discussion indicates that the fluency and coherence of algorithmic productions do not guarantee plural or stereotype-free representations. It concludes that gender literacy, articulated with an intersectional perspective and *escrevivência*, can contribute to developing subjects capable of recognizing, questioning, and problematizing patterns of representation reproduced in algorithmic culture.

Keywords: Multiliteracies. Intersectionality. Digital culture. Critical education. Social representation.

1 INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais modificou as formas de produzir, acessar, compartilhar e interpretar informações. Entre essas transformações, a inteligência artificial generativa passou a ocupar um espaço cada vez maior nas

práticas de linguagem, educação, comunicação e produção de conteúdo. Ferramentas capazes de produzir textos, imagens e outros materiais a partir de comandos em linguagem natural já fazem parte de atividades escolares, acadêmicas e profissionais. Essa presença, porém, não representa apenas uma mudança nos instrumentos utilizados para produzir discursos. Ela também interfere nas formas pelas quais sujeitos, experiências e grupos sociais são apresentados e reconhecidos.

A facilidade com que esses sistemas produzem respostas coerentes pode transmitir a impressão de que seus resultados são objetivos ou imparciais. No entanto, os sistemas generativos dependem de grandes conjuntos de dados e de processos de treinamento que reúnem materiais produzidos em diferentes contextos históricos, culturais e sociais. Esses materiais carregam valores, disputas e formas de representação construídas ao longo do tempo. Por isso, uma resposta produzida por inteligência artificial não deve ser observada apenas pela sua organização ou pela qualidade da linguagem utilizada, mas também pelas ideias e representações que ela pode reproduzir.

A questão se torna mais delicada quando envolve gênero e raça. Uma solicitação simples, como a descrição de uma profissão, a criação de uma personagem ou a produção de uma imagem, pode apresentar associações recorrentes entre determinados grupos e determinados papéis sociais. Mulheres podem aparecer relacionadas ao cuidado, homens à liderança e pessoas negras a posições

específicas. Essas associações nem sempre aparecem de forma abertamente discriminatória. Muitas vezes, são apresentadas como situações comuns e, justamente por isso, podem passar despercebidas.

Nesse cenário, o letramento de gênero ganha importância. Se o letramento está relacionado às práticas sociais de leitura e escrita, sua dimensão crítica também envolve compreender como os sentidos são produzidos e quais relações sociais participam desse processo. Na cultura algorítmica, isso significa desenvolver condições para ler e questionar aquilo que os sistemas de inteligência artificial apresentam. Não basta saber utilizar uma ferramenta. É preciso observar quem aparece nas representações, de que maneira aparece, quais características são destacadas e quais experiências podem ficar ausentes.

A dimensão racial amplia essa discussão. Gênero e raça não atuam sempre de forma separada, e suas relações podem produzir experiências específicas, principalmente para mulheres negras. A perspectiva interseccional contribui para compreender essas diferenças e evitar que as categorias sejam analisadas isoladamente. Nesse sentido, discutir representação também significa perguntar quais lugares sociais são atribuídos aos sujeitos e quais imagens sobre eles acabam sendo reforçadas.

É nesse ponto que a obra de Conceição Evaristo se torna importante para este estudo. Em *Olhos d'água* (2014), a autora apresenta experiências de mulheres negras marcadas por memória, afetos,

desigualdades e resistência. A noção de escrevivência permite pensar a escrita a partir da experiência de sujeitos que, historicamente, muitas vezes tiveram suas histórias contadas por outras pessoas. Essa contribuição ajuda a estabelecer uma reflexão sobre a diferença entre falar sobre uma experiência e falar a partir dela.

A discussão também pode ser aproximada das experiências de mulheres apresentadas por Oliveira (2023). Em *Autoetnografias de mulheres: relatos de letramentos, resistência e inclusão*, a autora reúne narrativas relacionadas às trajetórias de letramento e às experiências sociais de mulheres. A obra contribui para pensar o letramento não apenas como domínio da leitura e da escrita, mas também como parte das trajetórias e das formas de participação social.

A partir dessas questões, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira o letramento de gênero pode contribuir para uma leitura crítica das representações produzidas por sistemas de inteligência artificial, especialmente quando envolvem relações de gênero e raça. Busca-se discutir como padrões sociais presentes nos dados e nos discursos podem aparecer em produções algorítmicas e como uma formação crítica pode ajudar os sujeitos a reconhecer e questionar essas representações.

A discussão está organizada em cinco movimentos. Inicialmente, aborda-se o letramento de gênero como prática de formação crítica. Em seguida, discute-se a cultura algorítmica e a

reprodução de desigualdades. Depois, a análise trata da relação entre raça, gênero e interseccionalidade.

Na sequência, a escrevivência de Conceição Evaristo é utilizada como eixo para pensar experiência, autoria e representação. Por fim, são apresentados os procedimentos metodológicos e as considerações finais.

2 LETRAMENTO DE GÊNERO E FORMAÇÃO CRÍTICA

Pensar o letramento no contexto contemporâneo exige ultrapassar uma compreensão restrita à aquisição das habilidades de leitura e escrita. Soares (2010) situa o letramento no âmbito das práticas sociais, permitindo compreender que ler e escrever não são atividades desvinculadas das condições históricas, culturais e comunicativas em que são realizadas. O sujeito letrado não apenas domina determinados códigos, mas participa de práticas nas quais a linguagem produz efeitos e organiza relações sociais.

Essa dimensão social torna-se ainda mais evidente diante da multiplicação das formas de comunicação proporcionadas pelas tecnologias digitais. Rojo e Moura (2012), ao discutirem os multiletramentos, chamam atenção para a diversidade cultural e para a multiplicidade de linguagens que atravessam as práticas contemporâneas. Textos verbais, imagens, sons, vídeos, interfaces e diferentes recursos semióticos participam conjuntamente da construção dos

sentidos. A inteligência artificial generativa amplia esse cenário ao permitir a produção de diferentes modalidades de conteúdo a partir de comandos formulados pelo próprio usuário.

O desenvolvimento tecnológico, contudo, não elimina a necessidade de interpretação. Ao contrário, quanto maior a capacidade de uma ferramenta produzir conteúdos complexos, maior pode ser a necessidade de compreender como esses conteúdos foram construídos e quais pressupostos os atravessam. Uma resposta pode ser linguisticamente adequada e, ainda assim, apresentar uma perspectiva limitada sobre determinado grupo social. Uma imagem pode atender formalmente ao comando solicitado e reproduzir, ao mesmo tempo, uma distribuição estereotipada de papéis.

O letramento, nessa perspectiva, envolve uma relação ativa entre sujeito, linguagem e contexto. A leitura crítica não se limita a identificar aquilo que está explicitamente escrito ou representado. Ela também considera os sentidos implícitos, os silenciamentos, as relações de poder e os lugares sociais atribuídos aos sujeitos. Quando aplicada à cultura algorítmica, essa postura exige que o usuário não trate a resposta produzida pela máquina como ponto final da interpretação.

O acréscimo da dimensão de gênero permite aprofundar essa discussão. O gênero não corresponde simplesmente a uma característica individual, mas está relacionado a normas sociais que participam da organização das identidades, dos comportamentos e das expectativas dirigidas aos

sujeitos. Butler (2019) contribui para compreender o caráter construído e reiterativo dessas normas, enquanto Bourdieu (2020) evidencia os mecanismos pelos quais relações de dominação podem ser incorporadas às práticas cotidianas e percebidas como naturais.

A relevância dessas contribuições para a análise da inteligência artificial está na possibilidade de compreender que estereótipos não precisam aparecer sob a forma de afirmações abertamente discriminatórias. Eles também podem se manifestar pela repetição de associações aparentemente banais. Quando determinadas profissões, comportamentos ou características são sistematicamente relacionados a um gênero específico, cria-se um repertório de expectativas que pode ser reproduzido em diferentes práticas discursivas.

Bourdieu (2020) chama atenção para a dimensão pouco perceptível da dominação ao afirmar que ela pode operar por meio de uma “violência doce, insensível, invisível para suas vítimas” (BOURDIEU, 2020, p. 12). A formulação é pertinente porque desloca o foco da discriminação evidente para mecanismos de naturalização. Uma representação pode ser problemática justamente porque parece comum, familiar ou até mesmo neutra.

O letramento de gênero, nesse contexto, não deve ser entendido como um conjunto fechado de informações sobre mulheres, homens ou identidades de gênero. Trata-se de uma disposição crítica para perceber como as relações de gênero são

produzidas e reproduzidas pela linguagem e pelas práticas sociais. Seu desenvolvimento envolve a capacidade de questionar categorias apresentadas como naturais e observar os efeitos produzidos por diferentes formas de representação.

Essa compreensão também pode ser relacionada às experiências narradas por mulheres. Oliveira (2023), ao reunir autoetnografias sobre letramento, resistência e inclusão, mostra como as experiências de leitura, escrita e formação estão ligadas às trajetórias sociais de cada sujeito. As narrativas apresentadas pela autora ajudam a perceber que falar sobre a própria experiência também é uma forma de produzir sentidos e dar visibilidade a situações que muitas vezes permanecem pouco reconhecidas.

Essa discussão é importante para pensar a representação das mulheres nas tecnologias digitais. Quando uma experiência humana é transformada em dados e posteriormente utilizada por sistemas de inteligência artificial, parte dessa experiência pode ser simplificada ou apresentada de outra maneira. Por isso, compreender quem está sendo representado e de que forma essa representação é construída também faz parte do letramento de gênero.

Essa dimensão crítica torna-se particularmente necessária quando o conteúdo não é produzido diretamente por uma pessoa, mas por um sistema algorítmico. A autoria aparente da resposta pode deslocar a atenção do processo de produção para o resultado final. O usuário vê um

texto pronto, estruturado e linguisticamente convincente, mas nem sempre considera os repertórios sociais que participaram de sua elaboração.

Nesse sentido, o letramento de gênero na cultura algorítmica precisa incorporar uma nova pergunta: como ler criticamente aquilo que uma tecnologia produz sobre os sujeitos? A questão não é rejeitar o uso da inteligência artificial, mas impedir que sua capacidade de produzir conteúdos seja confundida com neutralidade.

Essa formação crítica também exige compreender que as representações possuem consequências. A maneira como determinados sujeitos aparecem em textos, imagens e narrativas participa da construção de expectativas sobre quem eles são e sobre os lugares que podem ocupar. Por isso, analisar a linguagem produzida por sistemas algorítmicos é também analisar as possibilidades de reconhecimento oferecidas por esses sistemas.

3 CULTURA ALGORÍTMICA E REPRODUÇÃO DE DESIGUALDADES

A inteligência artificial generativa depende de processos de treinamento baseados em grandes volumes de dados. Essa característica permite que os sistemas reconheçam padrões linguísticos e produzam conteúdos a partir de relações estatísticas estabelecidas entre diferentes elementos. Entretanto, a amplitude dos dados utilizados não significa que esses repertórios sejam socialmente equilibrados.

Bender et al. (2021) chamam atenção para os riscos relacionados ao desenvolvimento de modelos de linguagem em larga escala, especialmente quando grandes quantidades de dados são tratadas como garantia suficiente de qualidade. O problema está também na composição dos materiais utilizados, nos processos de seleção e nas desigualdades presentes nos próprios repertórios digitais.

A crítica feminista dos dados desenvolvida por D'Ignazio e Klein (2020) contribui para compreender essa questão ao questionar a ideia de que dados possam ser considerados neutros independentemente das condições em que foram produzidos. Dados são resultado de práticas humanas: alguém decide o que registrar, o que classificar, o que excluir e o que tornar visível. Essas decisões possuem implicações sociais.

Assim, a inteligência artificial não precisa “inventar” um preconceito para reproduzi-lo. Basta que padrões sociais historicamente recorrentes estejam suficientemente presentes nos repertórios dos quais o sistema aprende relações e associações. O processo algorítmico pode reorganizar esses materiais em novas respostas, fazendo com que representações já existentes circulem novamente sob uma aparência tecnológica.

Pesquisas recentes mostram que esse problema também pode aparecer quando a inteligência artificial é utilizada para avaliar pessoas. An et al. (2025) analisaram cinco modelos de linguagem a partir de aproximadamente 361 mil currículos com diferentes combinações de gênero e

raça. Mesmo com características profissionais semelhantes, os candidatos receberam avaliações diferentes de acordo com essas características sociais. Os resultados mostram que os modelos podem reproduzir diferenças de tratamento entre grupos, inclusive quando as qualificações apresentadas são semelhantes.

Esse resultado reforça uma questão importante para este artigo: o problema não está apenas no conteúdo que a inteligência artificial produz, mas também na maneira como ela pode classificar e avaliar pessoas. Gênero e raça podem aparecer juntos nessas avaliações, o que reforça a importância de uma leitura interseccional dos resultados produzidos pelos sistemas.

Um exemplo mais próximo do cotidiano digital aparece na campanha *The Fine Print*, criada pela agência The Gate London para a Plan International UK, em 2026. A campanha utiliza a linguagem dos termos e condições, comum em sites e aplicativos, para falar sobre as desigualdades enfrentadas pelas meninas. A ideia é apresentar essas desigualdades como se fossem condições aceitas no momento do nascimento, incluindo maior risco de assédio, menor acesso à educação e limitações à liberdade e à autonomia.

Figura 1 – Os termos e condições de nascer menina na campanha *The Fine Print*



Fonte: B9 (2026), reprodução de peça da campanha *The Fine Print*, criada pela The Gate London para a Plan International UK.

A campanha chama atenção porque transforma uma desigualdade social em algo conhecido do ambiente digital. Os termos e condições normalmente aparecem como textos que precisam ser aceitos para utilizar determinado serviço. Em *The Fine Print*, essa ideia é usada para mostrar que as meninas também enfrentam condições que não escolheram e que podem limitar suas oportunidades ao longo da vida.

A campanha também utilizou inteligência artificial em parte da produção das imagens. Em vez de filmar um bebê real, foram utilizados modelos de bebê e recursos de IA para produzir movimentos e expressões. Nesse caso, a tecnologia foi utilizada como recurso para construir a representação apresentada pela campanha.

O exemplo ajuda a retomar uma questão central deste artigo: as tecnologias não produzem representações separadas da sociedade. Elas são utilizadas dentro de contextos sociais e podem reproduzir ou questionar ideias que já circulam. Por isso, saber interpretar essas representações também é parte de uma formação crítica para o uso da inteligência artificial.

Embora a campanha trate principalmente das desigualdades de gênero, essas experiências não são iguais para todas as mulheres. As diferenças de raça, classe e outras condições sociais também influenciam a forma como essas desigualdades são vivenciadas. É nesse ponto que a perspectiva interseccional se torna importante para a discussão.

Noble (2018), ao analisar mecanismos de busca, demonstra como sistemas algorítmicos podem reforçar estruturas raciais presentes na sociedade. Sua contribuição é importante para afastar uma interpretação segundo a qual problemas de representação surgiriam exclusivamente de erros pontuais. As tecnologias podem participar da organização da visibilidade social e, consequentemente, interferir na maneira como determinados grupos são percebidos.

Crawford (2021) amplia a análise ao situar a inteligência artificial em relações econômicas e políticas mais amplas. A tecnologia não é produzida em um espaço abstrato: envolve infraestrutura, trabalho, empresas, instituições, dados e decisões humanas. Pensar criticamente a inteligência artificial,

portanto, exige considerar as relações que atravessam sua produção.

Essa perspectiva é especialmente relevante quando se observa a produção de representações de gênero. Um sistema que associa repetidamente liderança à masculinidade ou cuidado à feminilidade não precisa formular uma declaração explicitamente sexista para contribuir com a reprodução de um estereótipo. A própria distribuição das características já produz um sentido sobre os lugares considerados mais esperados para homens e mulheres.

O mesmo raciocínio se aplica à representação racial. Uma pessoa negra pode aparecer em uma produção algorítmica, mas isso não significa necessariamente que esteja sendo representada de forma plural ou não estereotipada. A análise precisa considerar quais profissões, ambientes, características físicas, comportamentos e relações sociais são associados a esse sujeito.

É justamente essa distinção que impede que a representatividade seja reduzida à simples presença quantitativa. Uma tecnologia pode apresentar diversidade em sua superfície e, ainda assim, reproduzir hierarquias na forma como os sujeitos são caracterizados.

Figura 2 – Publicação da ONU Mulheres sobre inteligência artificial e reprodução de vieses de gênero



Fonte: ONU Mulheres Brasil (@onumulheresbr, 2026).

A problemática pode ser observada também fora dos sistemas generativos, em debates sobre publicidade e comunicação. A Figura 1, apresentada anteriormente, insere a discussão dos vieses de gênero no contexto contemporâneo da inteligência artificial e da comunicação.

A utilização desse material no artigo possui uma finalidade contextualizadora. Ela evidencia que a preocupação com representações estereotipadas integra debates contemporâneos sobre tecnologia e comunicação, mas não substitui a análise teórica desenvolvida a partir da bibliografia especializada.

A questão central, portanto, não é afirmar que toda produção de inteligência artificial reproduz necessariamente uma forma determinada de preconceito. O problema está na possibilidade de que relações sociais já existentes sejam incorporadas aos repertórios algorítmicos e reapareçam em conteúdos produzidos em larga escala.

Quando uma representação é repetida por diferentes sistemas, plataformas e contextos de comunicação, ela pode adquirir uma aparência de evidência. A repetição contribui para tornar determinados vínculos mais familiares e, consequentemente, menos questionados. É nesse ponto que a cultura algorítmica encontra a discussão sobre letramento: a capacidade técnica de produzir uma resposta precisa ser acompanhada pela capacidade crítica de interrogá-la.

4 REPRESENTAÇÃO RACIAL, INTERSECCIONALIDADE E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A análise dos vieses de gênero torna-se insuficiente quando desconsidera as diferenças produzidas pela raça. As experiências sociais não são organizadas por categorias independentes, e determinadas formas de desigualdade resultam justamente da articulação entre diferentes marcadores.

Crenshaw (2002) demonstra que a análise isolada de gênero e raça pode produzir lacunas na compreensão das experiências de discriminação. A perspectiva interseccional permite observar sujeitos que podem não se enquadrar plenamente nas categorias construídas de maneira separada. Para este artigo, essa contribuição é fundamental porque a representação de mulheres negras exige atenção simultânea às relações raciais e de gênero.

A questão não se limita à presença ou ausência de mulheres negras nas produções algorítmicas. É necessário observar quais imagens sociais são mobilizadas quando essas mulheres aparecem. Uma representação pode incluir o sujeito e, simultaneamente, reduzi-lo a determinadas características.

Carneiro (2005) contribui para compreender esse processo ao discutir a construção do outro como não-ser. A representação do sujeito negro não ocorre fora das relações históricas de poder. Ao longo da formação social brasileira, diferentes discursos participaram da definição de quem poderia ocupar determinados lugares de reconhecimento, cidadania e pertencimento.

Essa dimensão histórica não desaparece quando a produção do discurso passa a ser mediada por tecnologias digitais. Ao contrário, pode adquirir novas formas de circulação. Um estereótipo produzido em diferentes momentos históricos pode aparecer em um banco de dados, em uma página da internet, em uma imagem digital ou em uma resposta de inteligência artificial. A tecnologia altera a forma de circulação, mas não necessariamente elimina as estruturas que deram origem à representação.

Djamila Ribeiro (2017), ao discutir o lugar de fala, contribui para deslocar a atenção para as condições a partir das quais os sujeitos podem produzir e interpretar discursos. Essa discussão é especialmente pertinente para os sistemas generativos porque uma ferramenta pode elaborar

um discurso sobre determinado grupo sem ocupar a posição social desse grupo.

Isso conduz a uma distinção importante: competência linguística não equivale a experiência social. Um sistema pode produzir uma narrativa detalhada sobre racismo, desigualdade ou a experiência de uma mulher negra sem possuir memória, corpo, trajetória ou inserção social correspondente.

Essa diferença não diminui a capacidade técnica dos sistemas de produzir linguagem. O que ela questiona é a tendência de confundir fluência discursiva com compreensão situada. Quanto mais convincente é a resposta, maior pode ser a necessidade de submetê-la à leitura crítica.

A representação de mulheres negras evidencia esse problema de maneira particularmente significativa. Quando sistemas reproduzem imagens sociais recorrentes, podem reforçar concepções sobre beleza, comportamento, profissão, maternidade, vulnerabilidade ou autoridade. O problema não está somente na presença de uma característica isolada, mas na combinação de elementos que constrói determinada posição para o sujeito.

A perspectiva interseccional permite, portanto, perguntar não apenas quem está representado, mas qual mulher negra está sendo construída por essa representação. Essa mudança de pergunta é fundamental para o letramento de gênero porque desloca a análise da quantidade para

a qualidade e para as condições de produção do sentido.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender por que uma discussão sobre inteligência artificial precisa incorporar também a discussão sobre autoria e experiência. Se os sistemas podem produzir representações sobre sujeitos socialmente situados, é necessário perguntar como essas experiências podem ser narradas sem serem novamente reduzidas a categorias produzidas de fora.

5 CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCRIVÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA

A presença de Conceição Evaristo neste artigo não se limita à escolha de uma autora negra para ilustrar a discussão racial. Sua produção oferece uma perspectiva específica para pensar a relação entre linguagem, experiência, memória e representação.

Em *Olhos d'água* (2014), Evaristo constrói narrativas marcadas pela presença de sujeitos que vivem experiências atravessadas por desigualdade, pobreza, afetividade, violência, memória e resistência. Suas personagens não são apresentadas exclusivamente a partir das estruturas que as oprimem. Mesmo quando a narrativa evidencia condições de vulnerabilidade, existe nelas uma dimensão subjetiva que impede sua redução a categorias sociais abstratas.

Esse aspecto é particularmente importante para a discussão proposta porque a representação de grupos historicamente marginalizados pode ocorrer de duas maneiras distintas. Em uma delas, o sujeito é observado de fora e organizado a partir de categorias construídas por quem o representa. Na outra, a experiência do sujeito participa da própria produção da narrativa.

É nesse segundo movimento que a noção de escrevivência se torna uma chave interpretativa potente. A escrita de Evaristo estabelece uma relação entre experiência vivida e elaboração literária, colocando em circulação memórias e perspectivas que durante muito tempo foram marginalizadas dos espaços legitimados de produção discursiva.

A escrevivência não deve, portanto, ser reduzida à ideia de “escrever sobre si”. Sua força está na possibilidade de transformar experiências individuais e coletivas em matéria de produção de conhecimento e representação. A experiência deixa de ser apenas aquilo que é observado por outro e passa a participar da construção da narrativa.

Essa perspectiva produz uma tensão produtiva com a inteligência artificial. Um sistema generativo pode elaborar uma narrativa sobre uma mulher negra utilizando repertórios linguísticos sofisticados e referências culturais reconhecíveis. Pode, inclusive, produzir um texto que pareça sensível e empático. Entretanto, não possui a experiência social que sustenta a escrevivência.

A diferença não significa que apenas pessoas pertencentes a determinado grupo possam produzir qualquer narrativa sobre ele. A questão é outra: representar uma experiência exige responsabilidade diante das condições históricas e sociais que a constituem. No caso da inteligência artificial, essa responsabilidade também recai sobre os usuários que solicitam, recebem, interpretam e compartilham os conteúdos produzidos.

A contribuição de Evaristo permite, assim, questionar uma característica recorrente da cultura algorítmica: a transformação de experiências complexas em padrões reconhecíveis. Sistemas precisam trabalhar com regularidades para produzir respostas, enquanto experiências humanas frequentemente envolvem contradições, ambiguidades e singularidades que não se deixam reduzir facilmente a categorias.

Essa diferença é particularmente significativa quando se trata de sujeitos historicamente estereotipados. Uma mulher negra não é apenas “mulher negra”; sua identidade e sua trajetória envolvem relações familiares, profissionais, afetivas, culturais e históricas que não podem ser resumidas por uma categoria.

A literatura de Evaristo oferece justamente essa complexidade. Suas personagens possuem histórias específicas. Seus corpos não funcionam como simples marcadores estatísticos. Seus sofrimentos não são apresentados apenas como exemplos de uma categoria social. Existe uma

dimensão narrativa que restitui singularidade às experiências.

Essa característica permite pensar a escrevivência como contraponto crítico à representação algorítmica. Não porque a literatura deva servir como modelo para o funcionamento da inteligência artificial, mas porque evidencia aquilo que pode ser perdido quando a experiência é transformada em padrão.

Nesse ponto, o letramento de gênero assume uma dimensão ainda mais profunda. Ler criticamente uma produção algorítmica sobre mulheres negras significa também perceber quando uma experiência complexa foi reduzida a um repertório previsível. Significa identificar não apenas o estereótipo evidente, mas a simplificação que transforma o sujeito em categoria.

A pergunta, portanto, não deve ser apenas se uma determinada representação é positiva ou negativa. É necessário investigar quais possibilidades de existência ela oferece. Uma representação pode evitar um estereótipo explícito e, ainda assim, apresentar um repertório limitado de características. Da mesma forma, pode incluir diversidade visual sem alterar a estrutura narrativa que define quem possui agência, autoridade ou voz.

A escrevivência permite recuperar justamente essa dimensão da agência. A mulher negra não aparece apenas como objeto de uma narrativa produzida sobre ela; ela participa da construção da própria narrativa. Essa mudança

possui implicações importantes para a educação e para a formação de leitores.

No contexto educacional, trabalhar com Evaristo pode contribuir para que estudantes percebam que textos e imagens não apenas retratam o mundo, mas também selecionam perspectivas sobre ele. A leitura de uma produção literária e a leitura de uma resposta de inteligência artificial podem ser atividades distintas, mas ambas podem ser atravessadas por perguntas sobre autoria, perspectiva, representação e poder.

O letramento de gênero, nesse contexto, aproxima-se de uma formação para a leitura crítica da cultura digital. O estudante não precisa apenas aprender a utilizar ferramentas de inteligência artificial para produzir textos; precisa desenvolver condições para questionar os sentidos produzidos por essas ferramentas.

Essa formação torna-se ainda mais importante quando o conteúdo algorítmico é utilizado como apoio à produção acadêmica, escolar ou profissional. Uma resposta pronta pode ser incorporada a um trabalho sem que seus pressupostos sejam examinados. A tecnologia, nesse caso, não elimina a responsabilidade interpretativa do usuário.

A aproximação entre Evaristo e a inteligência artificial conduz, finalmente, a uma questão fundamental: quem tem o direito de produzir determinadas narrativas e como as experiências representadas podem ser reconhecidas

em sua complexidade? A pergunta não busca restringir a circulação da linguagem, mas evidenciar que toda representação envolve escolhas e produz efeitos.

A escrevivência oferece uma resposta literária e política a esse problema ao afirmar a potência da experiência narrada por sujeitos historicamente silenciados. O letramento de gênero pode transformar essa contribuição em uma prática de leitura, permitindo que usuários e estudantes reconheçam que a tecnologia também precisa ser interpretada.

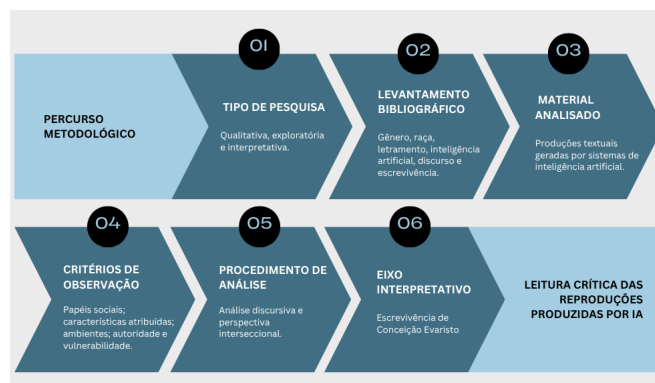
6 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e análise crítica de materiais relacionados à representação de gênero, raça e inteligência artificial. A escolha dessa abordagem está relacionada ao objetivo do estudo, que busca compreender como determinadas formas de representação podem ser produzidas e reproduzidas no contexto da cultura algorítmica.

O percurso da pesquisa foi organizado em etapas apresentadas na Figura 3. Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico sobre letramento, gênero, raça, inteligência artificial e escrevivência. Em seguida, foram analisadas produções textuais e visuais relacionadas à inteligência artificial, considerando os papéis sociais,

as características atribuídas aos sujeitos e as formas de representação encontradas. A análise foi articulada à perspectiva interseccional e à escrevivência de Conceição Evaristo.

Figura 3 – Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

A pesquisa também incorporou materiais contemporâneos relacionados ao tema, utilizados como exemplos para aproximar a discussão teórica de situações presentes na cultura digital. Entre eles, está a campanha *The Fine Print*, analisada no artigo em relação às representações de gênero e ao uso de inteligência artificial na produção de imagens.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite trabalhar com significados, valores, representações, atitudes e relações que não podem ser reduzidos exclusivamente a variáveis quantitativas. Essa perspectiva é adequada ao presente estudo porque permite analisar os sentidos produzidos pelas representações e relacioná-los às condições sociais em que são construídos.

A análise foi realizada de forma interpretativa, relacionando os conceitos apresentados no referencial teórico com as formas de representação discutidas ao longo do artigo. O objetivo não é afirmar que todos os sistemas de inteligência artificial apresentam os mesmos resultados, mas discutir situações em que padrões sociais podem aparecer em produções algorítmicas.

A perspectiva interseccional foi utilizada para analisar as representações de mulheres negras, considerando gênero e raça de forma articulada. Essa escolha permite observar não apenas se determinados sujeitos aparecem, mas também quais características, papéis e posições sociais são atribuídos a eles.

A escrevivência foi utilizada como uma referência crítica para pensar a relação entre experiência e representação. Não se estabelece uma equivalência entre a produção literária de Conceição Evaristo e a produção de inteligência artificial. A aproximação serve para questionar a diferença entre produzir uma representação sobre determinada experiência e produzir uma narrativa a partir de uma experiência vivida.

Assim, a metodologia articula três movimentos principais: pesquisa bibliográfica, análise crítica de representações contemporâneas e interpretação da escrevivência como eixo de discussão sobre experiência e representação. Essa organização permite manter o foco do estudo sem transformá-lo em uma avaliação técnica do desempenho de ferramentas específicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a inteligência artificial já participa de diferentes práticas de linguagem e, por isso, também participa das formas pelas quais sujeitos e grupos sociais são representados. Embora seus resultados possam parecer neutros, os sistemas são construídos a partir de dados e discursos produzidos socialmente. Dessa forma, padrões de gênero e raça presentes na sociedade podem aparecer também nas produções algorítmicas.

Nesse sentido, o letramento de gênero amplia a capacidade de leitura diante dessas tecnologias. Mais do que saber utilizar ferramentas de inteligência artificial, é necessário compreender como seus resultados são construídos e reconhecer as representações que podem estar presentes neles. Essa leitura também precisa considerar que gênero e raça se relacionam e produzem experiências diferentes, especialmente quando se trata da representação de mulheres negras.

A aproximação com a escrevivência de Conceição Evaristo contribuiu para essa reflexão ao colocar experiência, memória e autoria no centro da discussão. A escrita a partir da própria experiência mostra que representar alguém não é o mesmo que viver aquela experiência. Essa diferença é importante quando se pensa em sistemas capazes de produzir textos e imagens sobre diferentes grupos sociais, mas que não possuem as experiências humanas que representam.

A análise realizada permite concluir que a inteligência artificial não deve ser compreendida como uma tecnologia neutra ou isolada das relações sociais. Seus resultados precisam ser observados de forma crítica, principalmente quando envolvem grupos historicamente marcados por desigualdades. No campo educacional, essa questão ganha ainda mais importância, pois o contato crescente dos estudantes com essas ferramentas exige uma formação que vá além do domínio técnico.

Assim, o letramento de gênero, articulado à perspectiva interseccional e à valorização das experiências dos sujeitos, pode contribuir para uma relação mais crítica com a inteligência artificial. O desafio não está em rejeitar essas tecnologias, mas em compreender seus limites, questionar suas representações e utilizá-las de maneira consciente. É nessa direção que uma educação voltada para a cultura algorítmica pode contribuir para que a inteligência artificial seja utilizada não apenas como ferramenta de produção, mas também como objeto de leitura, questionamento e reflexão.

REFERÊNCIAS

AN, Jiafu; HUANG, Difang; LIN, Chen; TAI, Mingzhu. Measuring gender and racial biases in large language models: intersectional evidence from automated resume evaluation. **PNAS Nexus**, [S. l.], v. 4, n. 3, pgaf089, 2025. DOI: 10.1093/pnasnexus/pgaf089.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; McMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? In: ACM CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY,

2021. **Proceedings [...]**. New York: Association for Computing Machinery, 2021. p. 610–623. DOI: 10.1145/3442188.3445922.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI: power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence.** New Haven: Yale University Press, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan./jun. 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011.

D'IGNAZIO, Catherine; KLEIN, Lauren F. **Data Feminism.** Cambridge: MIT Press, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of Oppression: how search engines reinforce racism.** New York: New York University Press, 2018.

OLIVEIRA, Silvia Naara da Silva Pinto de. **Autoetnografias de mulheres: relatos de letramentos, resistência e inclusão.** Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2023. DOI: 10.22533/at.ed.175232401.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

(ONU). Mulheres ainda enfrentam desigualdade na inteligência artificial, alerta ONU. **ONU News**, 17 jun. 2026. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2026/06/1853511>. Acesso em: 27 jul. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PLAN INTERNATIONAL UK; THE GATE LONDON. The Fine Print. London, 2026. Campanha publicitária. Lançamento em 4 maio 2026.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.